



# LACAN

## *Dissolução*

### 1979-80

Tabela de sessões

- 1) [13 de novembro de 1979](#) 2) [20 de novembro de 1979](#) 3) [11 de dezembro de 1979](#) 4) [5 de janeiro de 1980](#) Carta de dissolução 5) 15 de janeiro de 1980 Carta ao jornal " *Le Monde* "
- 6) [11 de março de 1980](#)
- 7) [15 de março de 1980](#) PLM Saint-Jacques
- 8) [18 de março de 1980](#)
- 9) [15 de abril de 1980](#)
- 10) [10 de junho de 1980](#) Instituto Oceanográfico 11) [29 de junho de 1980](#) Carta " *A causa freudiana* "
- 12) [05 de julho de 1980](#) Casa de Química 13) [12 de julho de 1980](#) Caracas
- 14) [Três Letras](#)

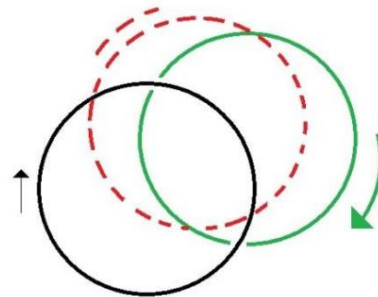
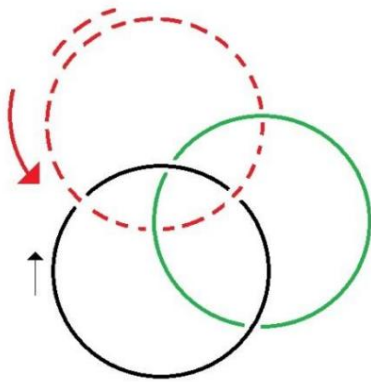
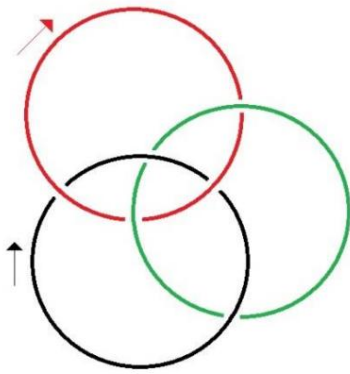
13 de novembro de 1979

[Tabela de sessões](#)

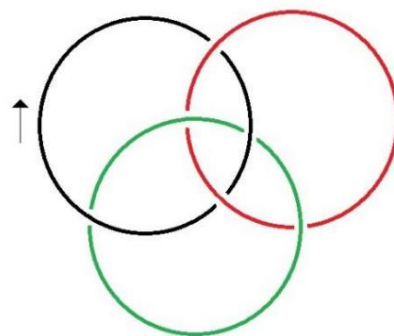
Esta manhã liguei para Solange Faladé para me explicar algo sobre o nó borromeano.

Devo dizer que o nó borromeano é um enigma.

Existe apenas um nó Borromeu.



Si on rabat le rouge  
toute la consistance noire  
passe dans le rond rouge



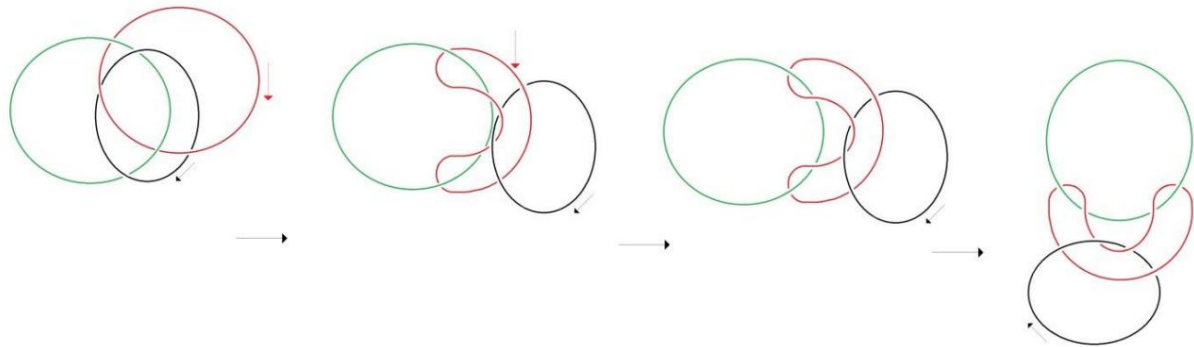
20 de novembro de 1979

[Tabela de sessões](#)

Peço desculpas por ter questionado Solange Faladé na última sessão.  
Hoje gostaria de retomar o nó borromeano.

O nó Borromeu é desenhado assim.  
É em qualquer ordem.  
É claro que a 4ª ordem ...diagrama n°4

Existe uma maneira de passar qualquer coisa para qualquer função.  
Não importa que a ordem seja respeitada.  
Em outras palavras, qualquer coisa pode desempenhar qualquer função.



11 de dezembro de 1979

[Tabela de sessões](#)

Vou tentar dizer-lhe o que é o nó borromeano.

O nó borromeano se desfaz sozinho.

Há um mínimo de 3, é realmente necessário para poder desfazer que existem 3.

Levogyre e dextrogyre aqui podemos considerar que é levogyre...

ou: se considerar que é levógiro, vira para a esquerda

... no entanto, é duvidoso que seja levógiro, na verdade, pode-se considerar que gira para a direita.

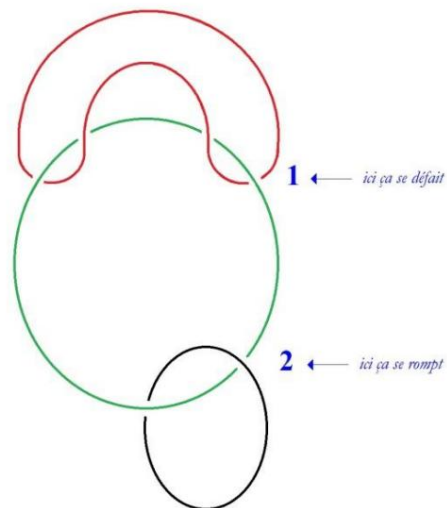
É uma questão de achatamento. Se você colocá-lo na direção oposta, ele é destro.

Que a coisa se desfça é o que é ilustrado pelo fato – que

aqui se desfaz, diagrama: 1,

– e que aqui quebra: 2.

É, portanto ...



5 de janeiro de 1980, *Carta de dissolução*, École Freudienne de Paris

[Tabela de sessões](#)

Falo sem a menor esperança - de ser ouvido em particular.

Sei que o faço - para acrescentar o que isso implica do inconsciente.

Esta é a minha vantagem sobre o homem que pensa e não percebe que está falando primeiro.

Vantagem que devo apenas à minha experiência.

Porque nesse ínterim, desde a palavra que ele não entende, até o que ele acredita estar *pensando*, o homem se confunde, o que não o anima.

Para que o homem pense estúpido, tanto mais estúpido que se enfurece... justamente para se confundir.

Há um problema na escola. Não é um enigma. Além disso, estou me mudando para lá, não muito cedo.

Este problema é demonstrado como tal, para ter uma solução: é a *dis* - a dissolução.

Entender-se como a Associação que, a esta escola, confere personalidade jurídica. Que basta um ir embora para que todos sejam livres, isto é, no meu *nó borromeano*, verdade para todos, devo ser eu na minha Escola.

Resolvo porque funcionaria - se eu não atrapalhasse - ao contrário do que eu fundei.

Ou para um trabalho, eu disse...

- que, no campo que Freud abriu, restitui o arado afiado de sua verdade,
- que traz de volta a práxis originária que ele intitulou sob o nome de “*psicanálise*” no dever que lhe compete em nosso mundo,
- que, por meio de críticas diligentes, denuncia desvios e compromissos que amortece seu progresso ao degradar seu emprego.

Meta que mantenho. É por isso que estou me desfazendo.

E não reclame dos ditos “*membros da Escola Freudiana*” – antes agradeço a eles, por ter sido ensinado por eles, de onde falhei

– ou seja, me confundi. Esta lição é preciosa para mim. Eu coloquei em bom uso.

Em outras palavras, *eu persevero*. E chama a associar novamente aqueles que, neste janeiro de 1980, querem continuar com Lacan.

Que a redação de uma candidatura me dê a conhecer imediatamente.

Dentro de 10 dias, para encurtar a debilidade ambiental, publicarei as primeiras filiações que aprovo, como compromisso de crítica assídua ao que em termos de “desvios e compromissos” a EFP tem alimentado.

Demonstrando na ação que não é culpa deles que minha Escola fosse uma Instituição, um efeito de grupo consolidado, em detrimento do efeito de discurso esperado da experiência, quando freudiana. Sabemos o que custou, que Freud permitiu que o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso, para se tornar a Igreja.

“*O internacional...*”, já que esse é o seu nome, reduz-se ao sintoma que é do que Freud esperava dele.

Mas não é ela que pesa.

É a Igreja, a verdadeira, que sustenta o marxismo dando-lhe sangue novo... com sentido renovado.

Por que não a psicanálise, quando se volta para o sentido? Não estou dizendo isso para brincadeiras ociosas.

A estabilidade da religião vem do fato de que o significado é sempre religioso.

Daí minha obstinação no meu modo de matemas, que não impede nada, mas testemunha o que seria necessário para - o analista - alinhá-lo com sua função.

Se sou pai-severo, é porque a experiência feita pede um contra-experimento que compensa.

Não preciso de muita gente. E há pessoas que eu não preciso.

Deixo-os na mão para que me mostrem o que sabem fazer, além de me sobrecarregar e transformar em água um ensinamento onde tudo se pesa.

Aqueles que eu admitirei comigo farão melhor?

Pelo menos eles poderão aproveitar o que estou dando a eles a chance.

A Direcção da EFP, tal como a compus, irá agilizar o que se passa na chamada actualidade, até que uma

Assembleia Extraordinária, a ser a última, convocada oportunamente nos termos da lei, proceda à devolução de seu patrimônio, que terá sido estimado pelos tesoureiros, René Bailly e Solange Faladé.

Guitrancourt, 5 de janeiro de 1980

15 de janeiro de 1980

[Tabela de sessões](#)

*o texto deste seminário foi publicado no jornal Le Monde, 26 de janeiro de 1980: carta ao jornal "Le Monde" de 24 de janeiro de 1980*

Dou ao *Le Monde* o texto desta carta com o meu seminário do dia 15, se ele quiser publicá-lo na íntegra.

Para que ele saiba que ninguém aprendeu nada comigo, para se exibir.

Sim, o psicanalista fica horrorizado com seu ato.

É a ponto de negar, e negar, e negar - e que amaldiçoa aquele que o lembra, Lacan Jacques, para não nomeá-lo, até grita haro em Jacques Alain Miller, odioso para se mostrar o pelo menos um para lê-lo.

Sem mais consideração do que os analistas estabelecidos exigem.

Será que meu "passe" os pega tarde demais, que não tenho nada que valha a pena?

Ou é ter confiado seus cuidados a alguém que testemunha não ter visto nada da estrutura que o motiva?

Que os psicanalistas não lamentem o que estou aliviando. A experiência, não deixo no plano.

O ato, eu lhes dou a chance de enfrentá-lo.

*O mundo* 26 de janeiro de 1980

Estou no trabalho do inconsciente.

O que ele me demonstra é que *não há verdade em responder ao mal-estar senão particular* a cada um daqueles que chamo de *faladores*.

Não há aqui um impasse comum, porque nada nos permite presumir que todos se unam.

O uso daquele que só encontramos no significante de modo algum funda a unidade do real.

Exceto para nos fornecer a imagem do grão de areia.

Não se pode dizer que, mesmo fazendo um amontoado, ele faça tudo.

É preciso haver um axioma, ou uma posição para dizê-lo.

Que possa ser contado, como diz Arquimedes, é apenas um sinal do real, não de qualquer universo.

Não tenho mais escola.

Tirei-o do fulcro (sempre Arquimedes) que tirei do grão de areia da minha enunciação.

Agora eu tenho um monte - um monte de pessoas que querem que eu os leve. Não vou fazer disso um todo: não de tudo.

Eu não preciso de muita gente, eu disse, e é verdade,

mas de que adianta dizer isso, se há muita gente que precisa de mim?

Pelo menos, quem acredita nisso - precisa de mim - quem acredita o suficiente para me dizer por escrito.

E por que eu não deveria acreditar também?

Desde que eu me incluo entre os tolos, como todos sabem.

Não espero nada das pessoas e algo do funcionamento.

Então, eu tenho que inovar, já que essa Escola, eu senti falta, não tendo conseguido

produzir Analistas de icelle (AE) que estejam à altura.

A qual dos membros eleitos do meu júri de aprovação aconselharia eu a votar em si mesmo se por

acaso se tivesse, como transeunte, ali se apresentado hoje?

Então eu não me apresso para voltar para a escola.

Mas " *sem levar em conta as posições tomadas no passado em relação à minha pessoa* " - citação de 1964 -

aquele que, tendo-me declarado que continua comigo, o faz em termos que, a meu ver, não o contradizem de antemão, admito-o a juntar-se a quem fizer o mesmo.

Quem é quem, não prejudique, mas deixe que o experimento seja feito, freudiano se possível.

Como o famoso encontro de amantes em um baile na Ópera.

Horror quando eles soltam suas máscaras: não era ele, nem ela.

Ilustração do meu fracasso nesta *Heteridade* – perdoe-me *por Ubris* –

o que me decepcionou o suficiente para me libertar da afirmação de que *não há relação sexual*.

Freud, por sua vez, parte de sua causa fálica, para dela deduzir a castração.

O que não é sem erro, que eu trabalho para limpar.

Ao contrário do que se diz, do gozo fálico, " a " mulher...

atrevo-me a dizer uma vez que não existe

... *não é privada* dele: ela não o tem menos do que o homem a quem seu instrumento (organon) se apegar.

Por pouco que ela mesma seja dotada dele (porque reconheçamos que é magra), ela obtém, no entanto, o efeito do que limita a outra borda desse gozo, a saber, o *inconsciente* irredutível .

É mesmo nisso que " as " *mulheres*, que existem, são as melhores psicanalistas – as piores de vez em quando.

É com a condição de que não sejam atordoados por uma natureza antifálica, da qual não há vestígio no inconsciente, que possam ouvir o que esse inconsciente não quer dizer a si mesmo, mas alcança o que é elaborado a partir dele, como se lhes proporciona gozo propriamente fálico.

O Outro está ausente. É engraçado para mim também.

Estou me segurando, o que te surpreende, mas não estou fazendo isso por isso.

Um dia, aliás, a que aspiro, o mal-entendido me surpreenderá tanto por vir de você que serei patético a ponto de não apoiá-lo mais. Se acontecer de eu ir embora, diga a si mesmo que é para ser finalmente Outro.

Pode-se contentar-se em ser Outro como todo mundo, depois de uma vida inteira querendo ser Outro apesar da Lei.



11 de março de 1980

[Tabela de sessões](#)

escola

Aqui estou eu, o homem coberto de letras.

Meu camarada Drieu era, ou pensava que era, o *homem coberto de mulheres*, a ponto de torná-lo o título de um de seus romances. Título que meus camaradas na sala de plantão me chamavam - quando eu tinha apenas duas (mulheres) como todo mundo, para cuidar de mim, e discretamente, eu imploro que acredite.

Essas cartas, eu as levei a sério.

Quer dizer: peguei um por um - como as mulheres fazem - e fiz minha lista.

Cheguei ao fim desta pilha.

Há pessoas que reclamam que eu as esqueci.

É possível. Deixe-os ir para a Glória.

Eu acertei o alvo, e um pouco mais.

Mas é preciso que entre esses mil eu coloque uma diferença.

Já que uns têm que lamentar uma Escola com a qual outros não têm nada a ver.

O luto é trabalho, é o que lemos em Freud.

Esta é a que peço a quem, da *Escola*, queira ficar comigo para *La cause freudienne*. Para aqueles, escrevi uma carta ontem à noite. Eles vão recebê-lo.

É o que eu digo a eles: " *Delenda é...* ".

Dei o passo de dizê-lo, doravante irreversível.

Como demonstrado ao retornar a ele, não se encontra nada além de ficar preso - onde fiz menos Escola... do que cola.

Dissolvido, é, por causa do meu dizer.

Resta que é seu também.

Caso contrário, a sigla que você recebeu de mim: "EFP" cai nas mãos de falsificadores comprovados.

Frustrar a manobra cabe aos da Escola que vou encontrar neste sábado.

Acredite: não admitirei que ninguém se divirta na Causa freudiana, apenas na escola a sério.

Assinei ontem, 10 de março.

Além disso, a culpa é de *Freud por ter deixado os analistas sem recurso* e, além disso, sem outra necessidade senão sindicalizar-se.

Eu, tentei inspirá-los com outro desejo, o de ex-irmã.

Aí eu consegui. Isso é marcado pelos cuidados que contorcem o retorno à rotina.

O que não é verdade para todos, já que são suficientes para seguir meu caminho, para subsistir de um vínculo social que nunca surgiu até agora.

O que mais demonstra minha formação do que me acompanhar no trabalho, porque é um, de dissolução?

Eles agora têm que contar a si mesmos.

Venho aos outros, que, este trabalho, não o devem fazer, por não terem sido da minha Escola, sem que se possa dizer que não estavam intoxicados por ela.

Com eles, sem demora, começo a Causa Freudiana - e restabeleço em seu favor o órgão básico, tirado da fundação da Escola, que é o cartel, cuja formalização, tendo feito experiência, estou refinando.

— 1º — - Quatro escolhem-se, para prosseguirem uma obra que deve ter o seu produto.  
Eu especifico: produto específico para cada um, e não coletivo.

— 2º — - A conjunção dos 4 é feita em torno de um *Plus-One*, que, se houver, deve ser alguém. Para cabe a ele zelar pelos efeitos internos da empresa e realizar sua elaboração.

— 3º — - Para evitar o *efeito cola*, a permutação deve ser feita, no prazo fixo de um ano, dois no máximo.

— 4º — - Nenhum progresso é esperado, exceto para escavações periódicas resultados como crises trabalhistas.

— 5º — - O sorteio garantirá a renovação regular marcadores criados com a finalidade de vetorizar o todo.

A Causa Freudiana não é Escola, mas Campo - onde cada um terá uma carreira para demonstrar o que faz do conhecimento que a experiência deposita. Field que os da EFP se juntarão assim que se aliviarem do que agora os onera mais do que a mim.

Abrevio aqui o desenvolvimento necessário para o início. Pois devo acabar com o mal-entendido das mulheres que eu disse no meu último seminário não serem privadas do gozo fálico.

Sou acusado de pensar que são homens.

te pergunto um pouco...

O gozo fálico não os aproxima dos homens, mas os distancia deles, pois esse gozo é um obstáculo ao que os une ao sexuado das outras espécies.

Desta vez evito o mal-entendido, enfatizando que isso não significa que eles não possam ter, com um único, escolhido por eles, a verdadeira satisfação - fálica.

Satisfação que está em sua barriga.

Mas como responder à palavra do homem.

Ela tem que estar bem para isso.

Que ela caia sobre o homem que fala com ela de acordo com sua fantasia fundamental, para ela.

Ela extrai dele o efeito do amor às vezes, do desejo sempre. Não

acontece com tanta frequência.

E quando isso acontece, não faz relatório, anotado, nem ratificado no real.

Do que chamei de não-relação, Freud teve a ideia, apesar de sua redução do genital ao fato da reprodução.

Não é isso, de fato, o que ele articula sobre a diferença - sobre

a pulsão que ele chama de fálica,

— ao que ele alega subsistir dos genitais?

Teria ele visto seu dualismo sem a experiência, onde estive, da psicanálise?

O gozo fálico é justamente aquilo que o analisando consome.

Então.

Estou deixando você.

Eu gostaria de fazer perguntas.

Deixe-me tê-los por escrito.

Mande-os para mim.

Vou respondê-las na próxima semana, se valer a pena.

Na próxima semana, também, vou contar como funciona a dissolução.

15 marte

[Tabela de sessões](#)

*Publicado em "Le Matin", 18 de março de 1980.*

*Jacques Lacan havia anunciado em carta, em 5 de janeiro, a dissolução da Escola Freudiana.*

*Aqui está o discurso de boas-vindas que ele fez na abertura da reunião que convocou no sábado, 15 de março, no PLM Saint-Jacques.*

Olá, meus bons amigos, aqui estão vocês.  
A Escola está chegando ao fim, você ainda está aqui comigo.  
Comecei por isto: que ela estava morta e que não sabia.

Isso significa que ela o estava reprimindo, em troca do que parecia viva.  
De onde veio esse olhar?  
Desta "vida" precisamente – coloco aspas para a vida – desta "vida" pela qual em um sujeito o recalcado permanece animado.

Isso pelo menos até ser reduzido por análise ao *Urverdrängt* (1) .  
– É o que, no sonho, Freud designa como o umbigo.  
– Isto é o que não se obtém menos do deslizamento.  
– Enfim, é isso que o chiste envolve – ele o cerca porque, mais, não pode fazer.

A interpretação analítica deve ser uma piada.  
Bem, eu fiz um – quando eu disse: solução!  
Foi meu " *Ureka* " para mim (2) .

Depois disso, começou a cair em todos os lugares.  
Isso é chamado de interpretação eficaz.  
Eu tive que escrever para você.

Fiz isso no dia 5 de janeiro.  
E o que foi?  
Uma carta de amor.

Ninguém percebeu, apesar do que eu suspirei por aí.  
Não estou lhe dizendo que opero seu inconsciente coletivo, mas que a Escola, sim, foi um sintoma – o que não é ruim.

Sintoma, mas não o bom.  
Sintoma (3) , observe-o, dito por antífrase, pois designa o que não concorda.  
Nesta escola, só concordamos com isso: nós me amamos.

Tanto que gostaria que a eternidade se apressasse em me transformar em mim mesmo.  
Eu, não tenho pressa, não me amo a ponto de querer ser eu mesma. Obviamente, tornei-me um significante – em duas palavras.

O significante que me tornei, diz-se que parece: rotular Lacan.  
Esse material está me incomodando há muito tempo.  
A bela Lacan só pode dar o que tem.

Agora há idiotas que gostariam de apagar meu nome.  
Eu gostaria também, isso me descansaria.  
Mas eu sei aonde esse desejo levou aquele outro estúpido Marquês de Sade.  
Ele se tornou inafundável.

E eu também, ao que parece, já que eles não podem me fazer espirrar.  
Por que eles querem que meu nome seja apagado assim?  
É porque acreditam que é o significante mestre, aquele ao qual coloquei o índice 1 há muito tempo.

Bem, eles estão errados, não é um, é o outro (4) .  
Deve-se dizer que não tenho nada a reclamar com esta escola no que diz respeito à circulação dos meus significantes.  
Mas essa circulação tem efeitos, aliás puramente estatísticos, que amortecem sua virulência.

A virulência, sem dúvida, é o que desejo para relançar a experiência que não pode mais ser a da escola.

O *efeito de grupo* é contrário ao *efeito de sujeito*, que só vale para nós pela dessubjetivação necessária ao analista.

O grupo é definido como uma unidade síncrona cujos elementos são os indivíduos.

Mas um sujeito não é um indivíduo.

O que vou fazer de novo, chamei-o de “ *A causa freudiana* ”, para ouvir o que eu disse de sua função, como sendo de sua natureza não apenas incompreendida, mas a causa do que está errado. Algo está errado com o grupo analítico, justamente porque ele não pode ser sincrônico, mas um sintoma.

Mas isso não está errado na escrita onde eu aperto a pergunta.

O grupo é impossível – impossível de se dissolver. Então eu não pensei nisso. Mas a escola não é mais adequada para abrigar esse impossível. O que vou fazer de novo é sempre a mesma coisa, claro, mas de forma diferente. Não vou falar sobre isso agora. Cabe a você sair da escola para se juntar a mim. Eu não vou explicar aonde é o grupo, porque este papel é temporário. O que me assegura que há pessoas que entendem.

1. Urverdrängt é o termo alemão usado por Freud para designar a repressão original, aquela que nunca pode ser levantada.

2. Ureka e não Eureka: trocadilho com. o Ur alemão, que se refere a qualquer coisa originária.

3. Trocadilho com a etimologia do termo “Sintoma”: – sym  
em grego, significa “com”,  
– ptôme vem da raiz grega “posar”.  
– Sintoma: o que posa com, o que concorda.

4. Em sua formalização matemática, que é um dos tratados marcantes de sua teoria, Lacan usa as letras S1 e S2 para designar, com S1 o significante próprio de cada um, e com S2 o significante que se refere ao conhecimento reprimido, sempre o mesmo, original. A noção de significante, em parte emprestada da linguística, refere-se aos jogos de linguagem que fazem a maior parte do trabalho do tratamento. Cf. a frase de Lacan: “O inconsciente se estrutura como uma linguagem”.

18 de março de 1980

[Tabela de sessões](#)

Sr. A.

Monsieur A(lthusser), filósofo, que surgiu de não sei onde apertar minha garra no último sábado, me fez ressuscitar um título de Tristan Tzara. Data do Dadá, ou seja, não dos círculos de pernas que começam com " *Literatura*",  
revisão para a qual eu não dei uma linha.

As pessoas voluntariamente me imputam um surrealismo que está longe de estar no meu humor.  
Provei-o contribuindo apenas lateralmente, e muito tarde, para provocar André Breton.  
Devo dizer que Éluard me abrandou.

Sr. A., ele não me comove, pois me fez voltar ao título: *Sr. Aa, o antifilósofo*.  
Bem, isso me deixou preso em um canto.

Considerando que, quando eu fui para Tzara...  
que morava na mesma casa que eu, na rue de Lille 5  
...o *exemplo da carta*, não o fez nem quente nem frio.

Eu ainda achava que estava dizendo algo que poderia interessá-lo.  
Bem, nem um pouco. Você vê como estamos errados.  
Tzara só elogiou Villon. Ele ainda estava cauteloso com esse delírio.

Deixe-o falar sobre mim, eu não precisava disso.  
Já havia bastante gente fazendo isso.  
E ainda dura.

Já que vocês não estavam todos comigo no sábado e no domingo, porque vocês não são todos, graças a Deus, da  
minha pobre Escola, vocês não fazem ideia de até onde vai o delírio de mim.  
O que me dá esperança é que Tzara acabou derrubando ele, François Villon, assim como eu.

Este Monsieur Aa é um anti-filósofo. Esse é o meu caso.  
*Eu me rebelo*, se assim posso dizer, contra a filosofia. O que é certo é que é uma coisa acabada.  
Mesmo que eu espere que uma rejeição saia disso. Essas reviravoltas geralmente vêm com coisas acabadas.

Olha essa Escola arqui-acabada até agora, houve juristas que se tornaram analistas, ora, a pessoa  
se torna jurista por falta de ter se tornado analista.  
E mais uma vez, um jurista carente, como Pierre Legendre não os mandou dizer.

Preciso especificar?

Não estou pensando em dismantlar a Ecole Normale Supérieure, onde uma vez tive as mais calorosas boas-vindas.  
Meu raio caiu logo ao lado, rue Claude Bernard, onde instalei o meu da escola, em seus móveis.

"A Causa Freudiana" não tem outro móvel além da minha caixa de correio.  
A miséria que tem muitas vantagens: ninguém pede para fazer um seminário na minha caixa de correio.  
Eu tenho que inovar, eu disse - exceto para acrescentar que: *não sozinho*. Eu vejo assim: *que cada um faça a sua parte*.

Vá em frente.

Juntem-se, fiquem juntos o tempo que for necessário para fazer algo, e depois dissolvam-se para  
fazer outra coisa.

Trata-se de "La Cause freudienne" que escapa ao efeito de grupo que vos denuncio.  
Do que se pode deduzir que durará apenas pelo *temporário*, quero dizer - se nos desamarrarmos,  
antes de ficar para não poder voltar.

Não é preciso muito:

- *uma caixa de correio*, veja acima,
- *uma carta*, que informa o que, nesta caixa, é oferecido como trabalho,
- *um congresso*, ou melhor, *um fórum* onde se trocam coisas,
- finalmente, a inevitável *publicação*, ao arquivo.

Também é necessário com isso que eu estabeleça *um redemoinho* que seja favorável a você.  
É isso, ou a cola garantida.

Veja como eu coloco em pequenos toques.  
Deixo-lhe o seu tempo para entender.  
Entender o quê ?

Não me orgulho de fazer sentido.  
Nem o contrário.  
Porque o real é o que se opõe a isso.

Prestei homenagem a Marx como o inventor do sintoma.  
Este Marx é, porém, o restaurador da ordem, do único fato de que respirou novamente no proletariado a *dimensão* da direção.  
Bastava que o proletariado assim o dissesse.

A Igreja tomou a semente disso, foi o que eu disse a vocês no dia 5 de janeiro.  
Saiba que o senso religioso vai fazer um boom do qual você não faz ideia.  
Porque a religião é o lar original do significado.  
É um fato óbvio que é essencial, com aqueles que são responsáveis na hierarquia mais do que com os outros.

Procuro ir contra isso, para que a psicanálise não seja uma religião, como  
irresistivelmente tende a ser quando imaginamos que a interpretação opera apenas no sentido.  
Eu ensino que sua mola está em outro lugar, a saber, no significante como tal.

O que resiste àqueles em pânico pela dissolução.  
A hierarquia só é sustentada pela gestão do significado.

É por isso que não coloco ninguém no comando da causa freudiana.  
*É no turbilhão que eu conto.*  
E, devo dizer, sobre os recursos de doutrina acumulados em meu ensino.

Passo agora às perguntas que, a meu pedido, me foram colocadas.  
Não vejo por que teria objeções à formação de cartéis da Causa Freudiana em Quebec.  
Específico: com a única condição de que seja notificado ao estafeta da referida "Causa".

"O *Plus-One* é sorteado? Pierre Soury me pergunta:  
ao que respondo que *não*, os quatro que se associam o escolhem.

Ele também me escreve isto que eu leio para você:  
Para os milhares de "A Causa Freudiana", os cartéis serão formados inicialmente por escolha mútua e depois,  
por uma redistribuição geral, serão reformados por sorteio dentro do todo maior.  
Isso implica que, entre os milhares, qualquer um pode ser trazido para colaborar em um pequeno grupo com  
qualquer outra pessoa.

Ressalto a ele que não foi isso que eu disse, pois desses mil, que aliás são mais, convido por enquanto a formar  
cartéis apenas não membros da Escola. Portanto, nada de " *grande conjunto* ".  
E não me refiro a um sorteio geral, mas apenas a compor os corpos provisórios que serão os marcos do trabalho.

Dito isso, parablenzo Soury por formular a colaboração em "The Cause" de qualquer um com qualquer um.  
É isso mesmo que se trata de obter, mas a longo prazo: que *gire* assim .

Alguém mais está preocupado com o que realmente significa ser um AE top.  
É um AE que me pergunta.  
Bem, deixe-o ler minha " *Proposta...* " de outubro de 1967. Ele verá que isso implica pelo menos que seja *aberta*.

Outra pessoa me pede para articular a relação do que chamei de "a cola"  
ao que Freud chama de "fixação" em relação à repressão.  
Esta é também uma pessoa que não se contenta em me enviar esta pergunta, mas que tem textos em anexo. Pra falar a  
verdade, ela não me mandou, ela deixou na minha casa ontem. Esta é Christiane Rabant, que ficou emocionada - ela me  
conta - com o que eu disse sobre a *carta de amor*.

O que é fixo?

É o *desejo* que, para ser apanhado no processo de repressão, se conserva em *uma permanência* que equivale à *indestrutibilidade*. Este é um ponto ao qual voltamos até o final, sem nos curvamos sobre ele.

É assim que o desejo contrasta completamente com o movimento do afeto.

A perversão é bastante indicativa disso, pois a fenomenologia mais simples evidencia suficientemente a constância das fantasias privilegiadas.

No entanto, se aponta o caminho, desde os primórdios dos tempos, não nos dá a entrada, pois faltava Freud.

Freud teve que primeiro descobrir o inconsciente para ordenar o catálogo descritivo desses desejos por esse caminho, ou seja: "*o destino das pulsões*" - como traduzo "*Tribschick-sale*".

O que precisa ser colocado em forma é o vínculo dessa *fixação* do desejo com os mecanismos do inconsciente.

Foi precisamente isso que me propus a fazer, pois nunca pretendi "*ir além*" de Freud, como me imputa um de meus correspondentes, mas prolongá-lo.

Responderei na terceira terça-feira de abril aos demais.

Dúvidas, pode me enviar mais.

Eu não recebo o suficiente.

Há alguns da Escola que querem realizar Dias sobre o trabalho de dissolução. sou para.

Veja para isso o chamado Colette Soler, Michel Silvestre ou Éric Laurent.

Digo isso aos membros da Escola.

15 de abril de 1980

[Tabela de sessões](#)

" Que haja luz ! »

E o que você acha que aconteceu?

Havia luz!

É realmente incrível que isso entre primeiro nas Escrituras.

Isso é o que chamarei de sintoma típico do real.

Pois é de fato leve em seu real que a ciência fez o seu caminho.

Não só claro, mas entre outros.

Você também sabe que a *luz*, precisamente a noção de *sua velocidade*, é a *única coisa que nos dá um absoluto mensurável do real*.

E é ao mesmo tempo que sua relatividade é demonstrada.

Que golpe de sorte para os crentes do que este “ *incrível* ”!

No entanto, isso não necessariamente desperta neles, como sabemos, um gosto particular pelo Iluminismo, no *sentido da Aufklärung*.

Não se deixe intimidar muito por este tiro.

Para superá-lo, basta notar o que ele acende depois: um total equívoco da diferença radical dos "luminários", Lua e Sol, em relação à referida luz.

O que mais me incomoda é que o foco no discurso criativo está indo do meu jeito.

No entanto, atribuir o insuportável da luz à fala é um desafio.

E isso não vai do meu jeito.

O que o inconsciente demonstra é outra coisa, a saber, que a fala é obscurantista.

Atribuo erros suficientes ao discurso para agradecer aqui por esse obscurantismo.

Este é o seu benefício mais óbvio.

Já aponte, nos primeiros dias de meu ensino, a função na clarificação do simbolismo desses vaga-lumes que são chamados de estrelas. As estrelas não emitem muita luz. No entanto, é a partir deles que os homens foram iluminados, o que lhes permitiu perfurar a felicidade que experimentam na noite transparente.

O obscurantismo específico da palavra é reforçado pela crença na *Revelação* que imputa a Deus " *faça-se a luz* ".

Quando é triplicado em filantropia e quadruplicado em progressismo, é noite escura.

Quando as estrelas se apagam, dá isso: “ *O desejo dos homens é ajudar uns aos outros para ser melhor* ”.

Recebi pelo correio. Eu havia pedido que alguém me escrevesse: bem, isso é bom para mim.

Devo dizer que não perguntei à pessoa que me escreveu isso, pela boa razão de que ela não vem ao meu seminário há muito tempo.

Françoise Dolto, já que é sobre ela, me mandou uma cartinha dessas, que me distraiu nessas férias, que, aliás, não levei. .

É uma pequena carta " *para esclarecer o mal-entendido* ".

Ela me ama tanto, diz em essência, que não suporta a dissolução da Escola.

E por que, eu te dou em mil?

Porque a Escola sou eu.

Este é o seu axioma.

Então, inevitavelmente, dissolver a Escola seria me cancelar.

E é isso que ela não quer.

Há uma palha, é que sou eu quem dissolve a Escola. Isso

não o impede e, além disso, nada o impede.

Ela acha que estou me autodestruindo.

É por isso que, de acordo com seu princípio filantrópico, ela vem em meu socorro.

Você vê como tudo se encaixa.

É lógica.



Isso pode ser visto pelo fato de que não sacrifica nada à verossimilhança.  
Se isso estivesse certo, isso faria de mim um tipo de cara Sócrates.  
Sócrates a desejava, sua morte, e a obteve das mãos do próprio povo a quem ele havia concedido suas bênçãos.  
Além disso, não teve tanto sucesso para ele, pois sua morte se tornou exemplar.

Mas, felizmente para mim, nunca disse que a Escola Freudiana sou eu.  
Eu poderia muito bem ter dito isso... Madame Dolto, sou eu.

Há alguns, ao que parece, que acreditam nisso.

Bem, isso é um erro.  
Não me identifico em nada com Françoise Dolto, e não mais com a Escola Freudiana.  
É isso que me justifica ousar construir La Cause freudienne.

O que já existe já é suficiente para me desidentificar da Escola.  
Nunca tive outro objetivo em meu ensino do que mantê-lo em seu nível.  
Agora estou fazendo o que é necessário para preservar o que ele é capaz de dar àqueles que seguem em seu rastro.

Mas já meu ato demonstra que o real em jogo na experiência não se limita, em princípio, à única  
subsistência da Sociedade Psicanalítica. A delicadeza do meu processo deve-se ao facto de não só não  
excluir ninguém, mas também de acolher todos os que chegam.

Devo lamentar que meu significante seja capaz de transmitir qualquer piada?  
Estou impressionado com isso, muito pelo contrário, já que não estou dizendo mais nada.  
Mas afinal, a piada é ainda melhor por ser curta.

Foi isso que me inspirou a encurtar o que –  
agregando mal- *entendidos* – estagnou  
em um *impasse* – até petrificado como  
*fraude*.

Além de não ter vontade, não preciso anatematizar aqueles que gritam que me amam, com insultos na boca,  
pela boa razão de que a fraude como tal é fonte de 'angústia' .  
Se nem sempre com seus agentes ou suas vítimas, mas com seus descendentes.

É por isso que eu não augura nada de bom para o que aqueles que eu chamei de falsificadores farão,  
e por que eu não me importo mais.

A experiência psicanalítica dá um lugar eminente à função do engano, para se sustentar a partir  
do sujeito suposto saber. Isso explica por que, se o engano se transforma em fraude, não podemos superá-lo.

Eu teci no decorrer do que te contei *minhas respostas* a vários dos que me escreveram, e que se reconhecerão.  
Ainda há alguém que me pergunta se por acaso não me imagino infalível.  
Não sou daqueles que recuam diante do sujeito de sua certeza. Foi isso que me permitiu romper com o que havia  
congelado na prática de Freud em uma tradição que claramente amorteceu toda transmissão.

Aí, inventei, que reabriu para vocês um acesso a Freud, que não quero ver fechado.  
Não serei exigente em me reconhecer como infalível, mas, como todo mundo, estarei no nível  
da verdade que fala, e não do conhecimento.

Não me considero o sujeito do conhecimento.  
A prova é - devo lembrá-lo - que o sujeito deveria saber, fui eu quem inventou isso, e justamente para que o  
psicanalista, para quem é natural, deixasse de acreditar em si mesmo, digo idêntico a ele.

O sujeito suposto saber não é todo mundo, nem ninguém.  
Nem tudo é assunto, mas também não é um assunto nomeável.  
Ele é algum sujeito.

Ele é o visitante da noite, ou melhor, ele é da natureza do sinal traçado pela mão de um anjo na porta.  
Não mais certo de existir por não ser ontológico, e de vir não sabemos zou.

Encontro você aqui na segunda terça-feira de maio.

10 de junho de 1980: O mal-entendido (Instituto Oceanográfico)

[Tabela de sessões](#)

Jacques Lacan

Não é só que eu disse a mim mesmo que realmente lhe devia um “ *adeus* ” por ter me ajudado este ano, por ter assistido a este seminário onde não o poupei.  
Há ainda outra razão para este “ *adeus* ”: é que *vou, assim* mesmo, para a Venezuela.

Esses latino-americanos, como dizem, que nunca me viram, ao contrário dos que estão aqui, nem me ouviram em voz alta, bem, isso não os impede de serem *lacanos*...  
Parece ajudá-los em vez disso.

Eu me transmiti para lá por escrito, e parece que eu criei raízes lá.  
De qualquer forma, eles acreditam.  
É certo que este é o futuro.

E é isso que me interessa em ir para lá.  
Interessa-me ver o que acontece quando a minha pessoa não analisa o que ensino.  
Talvez meu matema ganhe com isso.

Nada diz que, se eu gostar, não ficarei lá, na Venezuela.  
Você vê por que eu queria dizer adeus a você.

Você não tem ideia de quantas pessoas isso incomoda, que eu apareço lá, e que chamei meus lacano-americanos para lá. Aborrece aqueles que estavam tão ocupados me representando que basta eu me apresentar para eles perderem os pedais.

Então vou aprender lá, mas obviamente vou voltar.  
Eu vou voltar porque meu consultório é aqui, e esse seminário...  
que não é minha prática, mas que a complementa  
...este seminário, eu mantenho-o menos do que ele a mim.

É por hábito que ele me segura?  
Certamente não, já que é por mal-entendido.  
E não está pronto para acabar, justamente porque não estou me acostumando com isso, com esse mal-entendido.

Estou traumatizada com o mal-entendido.  
Como não me acostumo, me canso de dissolvê-lo.  
E assim eu o alimento. Isso é chamado de seminário perpétuo.

Não estou dizendo que o verbo é criativo.  
Digo algo bem diferente porque minha prática o inclui: digo que o verbo é inconsciente - ou mal-entendido.  
Se você acredita que tudo pode ser revelado, bem, você se coloca nisso: tudo não pode.  
Isso significa que uma parte dela nunca será revelada.

É precisamente disso que a religião se orgulha.  
E é isso que dá seu baluarte à Revelação de que se serve para explorá-la.

Quanto à psicanálise, sua realização é explorar o mal-entendido.  
Com, no final, uma revelação que é de fantasia.  
Foi isso que Freud lhe passou.

Que veia, deve-se dizer.  
Todos vocês, o que vocês são senão mal-entendidos?  
O chamado Otto Rank abordou isso falando do trauma do nascimento.  
Do trauma, não há outro: o homem nasce mal-entendido.

Já que estou sendo questionado sobre o que se chama de status do corpo, chego a isso, para enfatizar que ele só pode ser captado a partir daí.  
O corpo só aparece no real como um mal-entendido.  
Sejamos radicais aqui: seu corpo é fruto de uma linha da qual boa parte de seus infortúnios se deve ao fato de já estar nadando em incompreensões o quanto pôde.

Ela nadou pela simples razão de que falaria com quem melhor-melhor.

Foi isso que ela te transmitiu ao "dar-te a vida", como dizem.

Isso é o que você herda.

E é isso que explica seu desconforto na pele, quando for o caso.

O mal-entendido já existe.

Na medida em que diante desse belo legado, você faz parte, ou melhor, faz parte do murmúrio de seus ascendentes.

Você não precisa mexer em si mesmo.

De antes, o que te sustenta sob o título do inconsciente, ou seja, da incompreensão, está ali enraizado.

Não há outro trauma de nascimento do que nascer como desejado.

Desejado, ou não - é tudo a mesma coisa, pois é através do parlêtre.

O ser falante em questão é geralmente dividido em 2 falantes:

– 2 falantes que não falam a mesma língua. – 2 que não podem ouvir um ao outro falar. – 2 que simplesmente não se dão bem. – 2 que conjure para *a reprodução*, mas de um mal-entendido consumado, transmitirá com a referida *reprodução*.

Concordo que a linguagem pode servir a comunicação significativa.

Não estou dizendo que é o caso deste seminário.

Pela simples razão de que a comunicação significativa é o diálogo, e quando se trata de diálogo, não sou mimado.

Acrescento que não considero a *comunicação científica* um diálogo, pois não faz sentido, o que é vantajoso para ela.

O diálogo é raro.

Quanto à produção de um novo corpo falante, é tão rara que está de fato ausente.

Não é assim em princípio, mas o princípio só se inscreve no simbolismo.

É o caso do chamado princípio da família, por exemplo.

Sem dúvida, isso sempre foi previsto.

Suficiente para que *o inconsciente* tenha sido considerado o conhecimento de Deus.

O que, no entanto, distingue o chamado conhecimento *inconsciente* do conhecimento de Deus é que este deveria ser o do nosso bem.

Isso é o que não é sustentável.

Daí a pergunta que fiz, Deus acredita em Deus?

Como sempre, quando faço uma pergunta, é uma pergunta e resposta.

Então.

Foi-me dito que o seminário deste ano não tinha título. É verdade.

Você verá imediatamente o porquê.

O título é: "Dissolução"

Obviamente, eu não poderia lhe dizer em novembro, porque meu efeito teria sido perdido.

Pode-se dizer que é um significante que o físgou.

Eu consegui fazer você se interessar tão bem, que não há mais nada para isso.

Alguém está me repreendendo por não fazer o suficiente para o seu gosto.

Ele tem o lazer porque não vem na minha casa.

É o contrário: ele tem a gentileza de me receber em sua casa quando não estou em outro lugar. Então, claro, eu escuto.

Ele quer um ritmo mais sustentado, e eu concordo plenamente. É disso que vou cuidar depois do verão.

A "Causa Freudiana" começa a existir por si só, porque a reivindicamos, o que significa que já a estamos anunciando.

Agora o que é suficiente? - uma carta, um pequeno boletim, que cria um link. Éric Laurent vai querer se empenhar para que isso exista e que os novos cartéis, que abundam, se dêem a conhecer.

29 de junho de 1980

[Tabela de sessões](#)

## LA CAUSE FREUDIENNE

5, Rue de Lille, 75007 PARIS

COURRIER DE JUILLET 1980

J'inaugure de mon dernier séminaire le Courrier premier de la Cause freudienne, attendu de mille et plus.

Que ce soit à la veille de ce temps dit de vacances chez nous ne s'arrête pas, puisqu'il sera pseudo pour moi, comme à mon habitude.

Et que c'est ce qu'à me suivre, vous pouvez faire de mieux : des efforts en somme. Ce sont des cartels que je veux dire.

Quant à l'Ef. , je précise qu'elle n'aura point de P. que j'en sois venu à bout.

Jacques LACAN

Ce 29/vi/80

Le n°1 du Courrier de la Cause est, sauf erreur ou changements d'adresse, envoyé à tous ceux qui ont reçu le carton du 21 février. Le Dr Lacan a demandé que ce Courrier soit adressé aux membres de l'EFP dans leur ensemble. Prière de renvoyer le bulletin d'inscription par retour de courrier, au secrétariat du 5, rue de Lille.

5 de julho de 1980 (Casa da Química)

[Tabela de sessões](#)

Olá.

É bom você vir.

Vou explicar meu voto para você.

Votarei pela dissolução da Escola.

Eu voto e gostaria que você fizesse como eu.

Os psicanalistas são sujeitos especiais, são sujeitos especialmente sensibilizados ao engano.

Depende da prática deles.

Como resultado, eles classificam de acordo com sua ética.

Este é um teste difícil.

É um teste decisivo em certos efeitos do grupo analítico.

A reação em massa do grupo que Freud previu.

É refugiar-se num ideal, o ideal do infalível.

O ideal uma vez instalado, está tudo bem, trocamos kowtows.

Não pretendo de forma alguma incorporar esse infalível, nem me curvo.

Eu testemunho isso por esta dissolução. Então você deve me perdoar por não ser infalível, aqueles que me perdoarem votarão como eu, e eu adiciono por mim. Então.

Cabe agora que todos tenham a sua palavra, passo a palavra a Solange Faladé.

12 de julho de 1980 (Caracas)

[Tabela de sessões](#)

Eu não tenho coceira nos pés. A prova é que esperei até os 80 anos para vir para a Venezuela.  
Vim para lá porque me disseram que era o lugar certo para encontrar meus alunos da América Latina.

Vocês são meus alunos?  
Eu não pré-julgo.  
Eu costumo criá-los eu mesmo.  
Nem sempre dá resultados maravilhosos.

Você está ciente dos problemas que tive com minha escola em Paris.  
Eu resolvi da maneira certa - tirando-o da raiz.  
Quero dizer, desenraizando minha pseudo-Escola.  
Tudo o que obtive desde então confirma-me que me saí bem.  
Mas isso já é história antiga.

Em Paris, costumo falar para um público onde muitas pessoas me conhecem por ter vindo me visitar em minha casa, 5 rue de Lille, onde fica meu consultório.  
Você, ao que parece, é um dos meus leitores.  
Você é ainda mais porque eu nunca vi você me ouvir.

Então, obviamente, estou curioso sobre o que pode vir de você.  
É por isso que lhes digo: obrigado, obrigado por terem respondido ao meu convite.  
Você tem mérito lá, pois mais de um se interpôs no caminho de Caracas.

Parece, de fato, que este Encontro incomoda muitas pessoas, e em particular aqueles que professam me representar sem pedir minha opinião.  
Então, quando eu apareço, inevitavelmente, eles perdem os pedais.

Por outro lado, devo agradecer a quem teve a ideia deste Encontro,  
– e nomeadamente Diana Rabinovitch,  
– Com prazer associo Carmen Otero e seu marido Miguel,  
em quem confiei para tudo o que acontece com tal Congresso.  
É graças a eles que me sinto em casa aqui.

Venho aqui antes de lançar minha “ *Causa Freudiana* ”.  
Você vê que eu me apego a esse adjetivo.  
Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Eu sou um freudiano.

É por isso que acredito ser bem-vindo dizer-lhe algumas palavras sobre o debate que estou mantendo com Freud, e não sobre hoje.

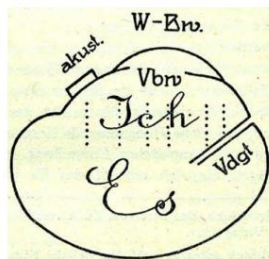
Aqui  
está: – meus três não são dele,  
– meus três são o real, o simbólico e o imaginário.  
Cheguei a situá-los com uma topologia, a do chamado nó borromeano.

O nó borromeano destaca a função dos pelo menos três.  
É aquele que amarra os outros dois desatados.  
Eu dei isso para o meu.

Eu lhes dei isso para que eles se encontrem na prática.  
Mas ele encontra seu caminho melhor do que o tema legado por Freud ao seu?  
É preciso dizer: o que Freud extraiu de sua topografia, chamada “segunda”, não é sem torpeza.

Imagino que fosse para se fazer ouvir, sem dúvida nos limites de seu tempo.  
Mas não podemos antes aproveitar o que aparece ali a aproximação do meu nó?

Consideremos a bolsa flácida a ser produzida como o elo do Id em seu artigo para dizer a si mesmo: “ *Das Ich und das Es* ”. Essa bolsa seria o recipiente dos impulsos.



Que ideia maluca fazer isso assim!

Isso só pode ser explicado considerando as pulsões como bolinhas de gude, expelindo pelos orifícios do corpo, depois de tê-las engolido.

Em cima disso é abordado um Ego, onde as linhas pontilhadas das colunas parecem preparadas para contá-lo. Mas isso não deixa menos constrangido que o mesmo esteja usando um bizarro olho perceptivo, onde para muitos o ponto germinativo de um embrião também pode ser lido na gema.

Isso não é tudo.

A caixa registradora de algum dispositivo à la Marey é complementar aqui.

Isso diz muito sobre a dificuldade da referência à realidade.

Por fim, duas barras eclodem com sua articulação a relação desse conjunto barroco com o próprio saco de mármore.

Isso é o que se designa como o reprimido. Isso é desconcertante.

Digamos que não é o que Freud fez de melhor.

Deve-se mesmo admitir que não é a favor da relevância do pensamento que pretende traduzir.

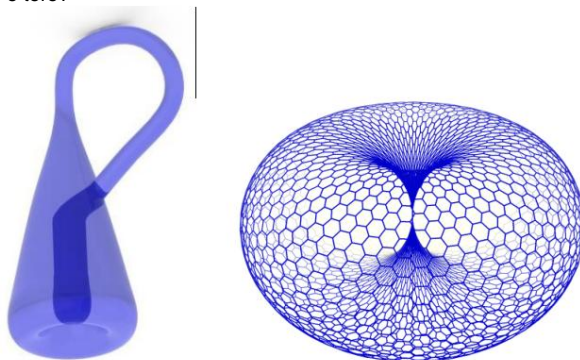
Que contraste com a definição que Freud dá das pulsões, como ligadas aos orifícios do corpo.

Esta é uma fórmula luminosa, que impõe outra figuração que não este frasco.

Qualquer que seja a cortiça.

Não é antes, como eu disse, uma garrafa de Klein, sem dentro nem fora?

Ou mesmo, apenas, por que não o toro?



Contento-me em constatar que o silêncio atribuído ao "Id" como tal supõe o falar.

A conversa que o ouvido espera, a do “ *desejo indestrutível* ” a ser traduzida.

É notável, no entanto, que essa indefinição não impediu Freud de retornar posteriormente às indicações mais marcantes sobre a prática da análise e, especificamente, suas construções.

Devo me encorajar a lembrar que na minha idade Freud não estava morto.

Claro, meu nó não diz tudo.

Caso contrário, eu nem teria a chance de me orientar no que há: já que há, digo, não-tudo.

Certamente não-tudo no real, do qual me aproximo da minha prática.

Observe que em meu nó, o real permanece constantemente representado pela linha reta infinita, ou seja, pelo círculo aberto que ele supõe. É isso que sustenta que só pode ser admitido como não-tudo. O surpreendente é que *o número* nos é dado na própria linguagem. Com o que ela transmite do real.

Por que não admitir que a paz sexual dos animais, para culpar aquele que se diz ser seu rei: o leão, depende do número não ser introduzido em sua língua, seja ela qual for.

Sem dúvida, o treinamento pode dar a aparência disso. Mas apenas isso.

A paz sexual significa que sabemos o que fazer com o corpo do Outro.

Mas quem sabe o que fazer com o corpo de um falante, a não ser apertá-lo mais ou menos?

O que o Outro encontra para dizer, e mesmo quando quer? Ele diz: " *Abrace-me forte* . "

Burro como um repolho para a cópula.

Qualquer um sabe como fazer melhor.

Eu digo qualquer um - um sapo, por exemplo.

Há uma pintura que está presa na minha cabeça há muito tempo.

Encontrei o nome próprio do seu autor, não sem as dificuldades próprias da minha idade.

Ela é de Bramantino.

Bem, esta pintura é bem feita para testemunhar a nostalgia de que uma mulher não é um sapo, que é colocada ali de costas, em primeiro plano da pintura.

O que mais me impressionou nesta pintura é que a Virgem - a Virgem e o Menino - há algo como a sombra de uma barba. Por meio do que ela se assemelha ao filho, como ele se retrata como adulto.

A relação figurada da Madonna é mais complexa do que se poderia pensar.

Também é mal suportado.

Me incomoda.

Mas o fato é que me situo, creio eu melhor do que Freud, no Real interessado no que está envolvido no inconsciente.

Porque o gozo do corpo aponta contra o inconsciente.

Daí meus matemas, que procedem do fato de que *o simbólico segue o lugar do Outro, mas não há Outro do Outro*.

Segue-se que o que a língua pode fazer melhor é demonstrar-se a serviço do instinto de morte.

Esta é uma ideia de Freud. É uma ideia brilhante. Isso

também significa que é uma ideia grotesca.

O mais forte é que é uma ideia que se confirma por isso: que a língua só é eficaz quando se trata de escrever.

Foi isso que inspirou meus matemas...

tanto quanto se pode falar de inspiração para uma

obra que me custou dias antes não me visitou uma musa que eu conheça

...mas você tem que acreditar que *isso me diverte*.

Freud tem a ideia de que a pulsão de morte se explica pelo deslocamento para o mais baixo do limiar de tensão tolerado pelo corpo.

É o que Freud chama de um além do princípio do prazer - isto é, do prazer do corpo.

Deve-se dizer que é tudo igual em Freud o índice de um pensamento mais delirante do que qualquer

um dos que já compartilhei.

Claro que não estou contando tudo. Este é o meu mérito.

Então.

Declaro aberta esta Reunião, que diz respeito ao que ensinei.

É você, pela sua presença, que me faz ensinar algo.





Três Cartas de Jacques Lacan (1980-81)

[Tabela de sessões](#)

Carta de Jacques Lacan para "A causa freudiana": 23 de outubro de 1980

Há repressão.

Ainda.

É irreduzível.

Elaborar o inconsciente, como se faz na análise, nada mais é do que produzir aí esse buraco.

O próprio Freud, relembro, menciona isso.

Isso me parece coincidir pertinentemente com a morte.

Com a morte que me identifico com o que, como o sol diz o outro, não se pode olhar de frente.

Além disso, não mais do que ninguém, eu assisto.

Faço o que tenho que fazer, que é enfrentar o fato, iniciado por Freud, do inconsciente.

Nisso, estou sozinho.

Depois, há a banda.

Ouvi dizer que "A Causa" se sustenta.

– O cartel funciona.

Basta não obstruí-lo, exceto vetorizar, que dou a fórmula, e permutar.

– Um Conselho de Administração administra.

Seus dirigentes, no cargo por dois anos - após os quais, mudam -

Comissões os auxiliam, também por dois anos.

– Uma reunião anual, chamada administrativa, tem que conhecer o andamento das coisas, exemplo, é permanente.

– A cada dois anos, um Congresso, onde todos são convidados.

– Por fim, um Conselho, chamado estatutário, é o garantidor do que eu instituo.

"A Causa" terá sua Escola.

De onde procederá o AME, de "A Causa Freudiana" agora.

O *pas*se produzirá o novo AE - sempre novo de ser para o tempo de testemunho na Escola, ou seja, três anos.

Porque é melhor que passe, este AE, antes de ir direto para se inserir na casta.

Primeira carta do fórum: 26 de janeiro de 1981

Faz um mês desde que eu cortei tudo - minha prática com exceção.  
Tenho pouca vontade de sacudir o que sinto.

Seja uma espécie de vergonha. A de uma desgraça: então vimos um, a quem ele realmente favoreceu por vinte anos e mais, se levantar e jogar um punhado de serragem nos olhos do velho que...etc.  
A experiência tem seu preço, pois não pode ser imaginada de antemão.  
Essa obscenidade levou a melhor sobre a Causa. Seria bom se uma cortina fosse puxada sobre isso.

Esta é a Escola dos meus Alunos, aqueles que ainda me amam.  
Eu imediatamente abro as portas. Eu digo: aos mil.  
Vale a pena arriscar. Esta é a única saída possível - e decente.

Um fórum (da Escola) será convocado por mim, onde tudo será debatido - isso, sem mim.  
Eu apreciarei o produto.

Para testar o que me resta de recursos físicos, deixo para sua preparação Robert Lefort, Paul Lemoine, Pierre Martin, Jacques-Alain Miller, Colette Soler, a quem chamo do meu lado como conselheiros \*.

\*

*Três outros conselhos nomeados por Jacques Lacan renunciaram antes da realização do fórum.*

Segunda carta do fórum: 11 de março de 1981

Meu forte é saber o que significa esperar.

Resumindo, eles me executam em nome do nome que é específico para mim.

Como deveria ser, para salvar a base profissional adquirida com minha formação - para reduzi-la a ela.

Obstinação dos funcionários\*, para ser rebaixada à condição de suficiência da qual não pude preservá-los.

Eles carregam seus impasses em outro lugar.

Continua a ser a escola que adotei para a minha.

Novo e ainda em movimento, é aqui que será testado o núcleo do qual é possível que meu ensino permaneça.

Faremos bem agora em nos contarmos para esta tarefa.

Tirado nota do meu conselho, convoco para os dias 28 e 29 deste mês, meu primeiro fórum\*\*.

\*

*Antigos funcionários do EFP anunciaram a criação de um "Centro de Estudos".*

\*\* *Os Anais deste fórum foram publicados pela Escola da Causa Freudiana.*

[Tabela de sessões](#)